



José Leonildo Lima¹
Cássia Regina Tomanin²
Valéria Faria Cardoso³

Resumo: Este breve texto pretende mostrar a importância do trabalho de coleta de material linguístico, tendo como base o *Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso – ALiMAT* - e apresentar alguns problemas com sua respectiva solução, baseados em nossa experiência e nos relatórios de trabalhos de campo de linguistas e antropólogos.

Palavras-chave: pesquisa; coleta; dado.

Abstract: This brief paper intends to show the relevance of the linguistic material collection work, based in the “Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso” – ALiMAT [Linguistic Atlas of Mato Grosso State] and to show some problems with its solution based in our experience and in papers of linguistic and anthropologists’ fieldwork.

Keywords: research; collection; data.

¹ Professor do Departamento de Letras da UNEMAT, campus universitário de Pontes e Lacerda. Doutor em Linguística. E-mail: lima@sisproel.com.br

² Professora do Departamento de Letras da UNEMAT, campus universitário de de Alto Araguaia. E-mail: cassiatomanin@bol.com.br

³ Professora do Departamento de Letras da UNEMAT, campus universitário de Alto Araguaia. E-mail: valeriacardoso@yahoo.com.br

Introdução

Falar em pesquisa linguística no Brasil lembra ao pesquisador, antes de mais nada, as grandes dificuldades que se encontra para a realização desse tipo de trabalho, sobretudo por causa da dimensão territorial de nosso país. Assim, para esse problema, a solução mais viável encontrada é a fragmentação dos trabalhos e a divisão regional. Dessa forma, os atlas estão sendo feitos por regiões ou Estados. É assim que está se fazendo o *Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso* – doravante ALiMAT.

Não se pode falar em atlas sem, contudo, deixar de falar em coleta de dados. Este é, sem dúvida, o ponto alto da pesquisa linguística ora empreendida. É por meio de uma entrevista bem articulada que os pesquisadores do *Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso* – ALiMAT - poderão analisar questões relevantes do português falado no Estado de Mato Grosso. Nesse sentido, vale destacar a preocupação quanto à coleta dos dados, não só do ponto de vista dos dados em si, mas também sobre o rigor científico com que se deve proceder, o que envolve, principalmente, a questão ética na abordagem dos informantes.

Todo o cuidado é justificado porque o material recolhido e, posteriormente publicado, pode servir para muitos outros trabalhos científicos, conforme já previa Samarin (1967) há mais de cinco décadas. O estudioso elenca alguns fatores que justificam a ascendência da pesquisa de campo, são eles:

1. levantam o que e como as línguas realmente são;
2. são indispensáveis para o desenvolvimento da linguística, já que fornecem dados para a formulação de conceitos;
3. fornecem dados, experimentação e formulação dos problemas, o que é de fundamental importância para as ciências humanas como a Linguística e a Antropologia;
4. são necessárias porque a Linguística é aplicada aos assuntos humanos, podendo-se falar em “engenharia da linguagem”, por

- causa da necessidade de comunicação entre os povos;
5. podem fornecer material para a elaboração de dicionários e afins.

Assim, considerando a relevância de uma boa coleta de dados, antes de iniciarmos o trabalho de campo propriamente dito, foram realizadas muitas discussões e debates. Nas primeiras discussões que fizemos acerca da pesquisa um dos temas foi a atitude do inquiridor diante do informante. Nesse momento é que retomamos o conceito clássico de Labov (1972): o *paradoxo do observador*. Ou seja, o pesquisador precisa estar presente para obter uma boa quantidade (e com qualidade) de amostra de língua vernácula. Mas como fazer com que o informante fale espontaneamente diante de um pesquisador que está investigando a sua língua? Levando em consideração essa questão teórica, colocamos em discussão o procedimento do documentador. Assim, surgiram questões como: o que devemos dizer ao informante sobre o objetivo da entrevista? Qual é o estudo que estamos fazendo? É um estudo histórico sobre o município? Desse modo, muitas outras perguntas vieram à tona.

Diante do impasse, o que decidimos é que jamais deveríamos dizer que se tratava de uma pesquisa linguística. Isso porque, se assim o fizéssemos, a maioria dos dados seriam falseados, isto é, teríamos dados linguísticos não condizentes com a realidade linguística do informante. No entanto, o tipo de entrevista sugerido pela Dialetologia, que são perguntas diretas, impede que sigamos as orientações de Labov e/ou Tarallo, no sentido de minimizar o paradoxo do observador, já que a cada questão o informante é lembrando que está sendo tratada a forma “como se fala”. Assim, no momento em que falávamos sobre o objetivo de nossa pesquisa, deixamos claro que havia um interesse pelo nome das coisas do lugar, bem como pelo seu modo de viver, dados sobre a localidade, informações acerca de comidas e bebidas regionais etc.; portanto, o informante se volta para as questões culturais locais e a “forma linguística” parece ficar em segundo plano.

Para a boa aplicação do questionário, um ponto considerado foi o estilo coloquial da linguagem a ser adotado pelo documentador, a fim de proporcionar um ambiente informal, proporcionando, assim, uma relação de confiança entre o documentador e o informante. Sobre esse ponto, Samarin (1967) lembra que tão importante quanto o domínio teórico que o pesquisador deve ter é de fundamental importância sua habilidade e sensibilidade; para isso, é indispensável o conhecimento da cultura local e da relação que se formará, ainda que efêmera, entre entrevistador e entrevistado.

Para travar o tão necessário contato humano, Martín (1972) apresenta algumas regras, mas a que consideramos a principal é que o investigador deve ir a campo disposto a modificar seu padrão cultural e incorporar temporariamente a cultura da região e mesmo do informante; caso contrário, poderá ser gerada uma situação de desconforto, desconfiança e distanciamento, o que acarretará em reserva e falta de colaboração por parte do informante.

Outro ponto levado em conta foi se o informante enquadrava-se nos requisitos previstos na metodologia do projeto (faixa etária, se era natural da localidade, bem como seus pais, se tinha boa dentição etc.) e se ele se dispunha a ser entrevistado. É importante lembrar que o questionário é longo e o informante deve ser previamente informado que deverá dispor de, no mínimo, duas horas de trabalho; assim, evita-se de iniciar a entrevista e ter de interrompê-la algum tempo depois porque o informante não sabia que iria demorar tanto. No caso de uma resposta negativa, o procedimento era buscar outro informante que preenchesse os requisitos exigidos.

Antes da realização da pesquisa propriamente dita, fizemos primeiro uma testagem do questionário, ou seja, realizamos alguns inquéritos experimentais. Foi o momento em que pudemos observar, ouvidas as gravações, o que estava dentro do previsto na metodologia e quais eram os problemas na aplicação do questionário. Feito esse procedimento, a equipe estava preparada para ir a campo.

O inquérito

Uma das primeiras atividades do projeto foi a discussão sobre a seleção dos pontos de inquérito. Inicialmente escolhemos 23 pontos, de forma aleatória, com o objetivo de ser o mais abrangente, isto é, atingir a maior área possível do Estado. Os pontos escolhidos foram: Alta Floresta, Alto Araguaia, Alto Garças, Aripuanã, Barra do Bugres, Barra do Garças, Cáceres, Canabrava, Comodoro, Cuiabá, Diamantino, Juruena, Lucas do Rio Verde, Nova Xavantina, Paranatinga, Porto dos Gaúchos, Rondonópolis, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Sinop, Tangará da Serra, Terra Nova do Norte e Vila Bela da Santíssima Trindade. Numa revisão feita sobre essa primeira seleção, a equipe resolveu adotar a mesma metodologia do *Atlas Linguístico do Brasil*, bem como de outros já concluídos ou em andamento. Dessa forma, o critério adotado para a seleção dos informantes é que a cidade tivesse acima de 60 anos de existência. Isso se justifica levando em conta o fator geração, ou seja, num período de 60 anos, temos duas gerações: os pais e os filhos nascidos na região. É um critério que dá confiabilidade aos dados linguísticos que se quer pesquisar. Isso posto, alguns pontos foram excluídos, pois alguns deles tinham em média 30 anos de existência. Assim, foram excluídos os municípios de Alta Floresta, Alto Garças, Canabrava, Comodoro, Juruena, Lucas do Rio Verde, Porto dos Gaúchos, São José do Xingu, Sinop, Tangará da Serra e Terra Nova do Norte.

No segundo momento de seleção dos pontos de inquérito, estudamos um pouco da história dos 141 municípios de Mato Grosso para sabermos quais foram criados há mais de 60 anos. Dos contemplados nesse critério, selecionamos 16 pontos de inquérito, a saber: Alto Garças, Aripuanã, Barra do Bugres, Barra do Garças, Cáceres, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Diamantino, Itiquira, Paranatinga, Poconé, Rondonópolis, Rosário Oeste, São Félix do Araguaia, Tesouro, Vila Bela da Santíssima Trindade.

Depois de uma discussão com a Profa. Dra. Aparecida Isquerdo Negri, uma das coordenadoras do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul e participante do projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALIB, resolvemos fazer um

redimensionamento dos pontos de inquérito. Tal alteração deve-se ao fato de Antenor Nascentes (1958), um dos precursores do primeiro atlas linguístico do Brasil, ao elencar os pontos de pesquisa, a partir de seu livro **Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil (1958, 1961)**, delimitou os pontos de inquérito de todos os Estados da federação. Assim, muitos dos pontos do estado de Mato Grosso por ele selecionados são também objeto de pesquisa do ALIB. Desse modo, preservando a metodologia de cada projeto, resolvemos manter alguns dos pontos já previstos por Nascentes, bem como de alguns que constam no ALIB. No novo redimensionamento, os pontos definidos ficaram assim, após a substituição dos municípios de Alto Garças e Paranatinga: Alto Araguaia (NASCENTES/ALIB/**ALiMAT**), Aripuanã (ALIB/**ALiMAT**), Barra do Bugres (**ALiMAT**), Barra do Garças (ALIB/**ALiMAT**), Cáceres (NASCENTES/ALIB/**ALiMAT**), Chapada dos Guimarães (**ALiMAT**), Cuiabá (NASCENTES/ALIB/**ALiMAT**), Diamantino (NASCENTES/ALIB/**ALiMAT**), Itiquira (**ALiMAT**), Poconé (NASCENTES/**ALiMAT**), Poxoréo (NASCENTES/ALIB/**ALiMAT**), Rondonópolis (**ALiMAT**), Rosário Oeste (NASCENTES/**ALiMAT**), São Félix do Araguaia (ALIB/**ALiMAT**), Tesouro (**ALiMAT**) e Vila Bela da Santíssima Trindade (NASCENTES/ALIB/**ALiMAT**).

Resolvida essa questão, passamos à elaboração/adequação do questionário. Dizemos elaboração/adequação porque tomamos como referência o Questionário do Atlas Linguístico do Brasil - ALIB, com a devida autorização do Comitê Nacional, sob a coordenação da Profa. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso. A ele acrescentamos outras perguntas relacionadas a questões locais e rurais. O questionário é composto de três partes: um questionário fonético-fonológico (QFF), com 149 perguntas; um morfossintático (QMS), com 46 perguntas; um semântico-lexical (QSL), com 285 perguntas, e 6 perguntas para uma parte denominada de Discurso Livre, totalizando 486 perguntas. Além dessas perguntas, foram elaboradas também algumas fichas, em que é possível obtermos dados significativos da localidade do inquérito, bem como do informante.

Os informantes e a preparação da entrevista

Ir a campo para realizar uma pesquisa não é uma tarefa fácil. Dizemos isso porque, quando se trata de uma pesquisa de campo, as situações peculiares são sempre constitutivas do evento. As situações peculiares com as quais o documentador pode deparar-se podem ser: o informante pode manifestar-se arredio e não querer dar a entrevista, comportamentos grupais distintos dos do grupo em que vivemos, desconfiança por parte do informante, entre outras. São situações que colocam o entrevistador como um elemento estranho ao informante. Isso causa desconfiança e até mesmo a não aceitação em participar da entrevista, mas, como já dito acima, esses problemas podem ser contornados com a habilidade e perícia do inquiridor bem treinado.

Para que o contato com o informante não acontecesse como a manifestação de uma atividade sem planejamento, fez-se necessário que alguns procedimentos fossem adotados para a condução dos trabalhos com esmero. Numa pesquisa de campo, o documentador necessita de alguns equipamentos e materiais para a boa condução dos trabalhos. Um equipamento imprescindível é o gravador. Nas décadas de 1980 e 1990, muito se usou o gravador de fita. No início do século XXI, o substituto do gravador de fita foi o Mini Disk – MD. E, atualmente, o que está muito em uso é o gravador digital. É o que estamos usando no projeto. Assim, alguns cuidados foram tomados. Fizemos a testagem dos gravadores, verificando se todos estavam com pilhas carregadas e, de preferência, pilhas recarregáveis. Na ida a campo foi necessário levar também alguns jogos de pilhas, bem como um carregador de pilhas.

Outro cuidado que tivemos foi o de levar os equipamentos dentro de uma sacola térmica para protegê-lo da umidade e do calor. A ida a campo requer que se levem blocos para anotações, canetas e lapiseiras. Levando em conta a questão pessoal de cada documentador, para melhor condução dos trabalhos, fez-se necessário o uso de roupa e calçado confortáveis e adequados ao lugar e ao clima. Em decorrência dos fatores climáticos, foi necessário também portar guarda-chuva ou capa de chuva. Além disso,

para atender as necessidades pessoais, foi de suma importância portar vasilha com água potável, biscoito, frutas, canivete, papel higiênico, alguns medicamentos para dor de cabeça, indisposição estomacal ou intestinal e também repelente.

Por fim, um outro procedimento importante foi o de contar com o auxílio de pessoas da comunidade estudada, para atuar como facilitadoras do contato entre o documentador e o informante. Lembremos que nos trabalhos de JØrgen Rischel com os Mla?bri? (apud KIBRIK, 1972) ele utiliza um informante auxiliar, pois os informantes, principalmente os mais velhos, às vezes precisam de um fato que os faça lembrar os nomes das coisas. Embora nossa pesquisa seja diferente da de Rischel, convém considerar a possibilidade de alguma ajuda, até para o informante se sentir mais confortável com a presença de alguém mais íntimo seu.

A abordagem do informante pelo documentador

Abordar uma pessoa não é um ato tão simples quanto parece. Numa situação de mais informalidade, como, por exemplo, quando transitamos por uma rua e queremos uma informação, usamos de alguns artifícios para abordar a pessoa. Não é simplesmente perguntar o que se quer saber. Em se tratando de um inquérito, os procedimentos são mais rigorosos. Dessa maneira, é importante utilizar um discurso informal e procurar um local adequado à entrevista, para evitar interrupções e garantir um espaço de tranquilidade e descontração.

Mas para chegar até o informante de forma aleatória não é tarefa fácil. Para resolvermos essa questão, a saída foi contatar pessoas da localidade para encontrar os informantes dentro do perfil estabelecido. Um procedimento que foi muito produtivo foi contatar com pessoas com maior relacionamento na cidade, como, por exemplo, professores, secretário de educação, moradores antigos da cidade ou algum morador que pudesse servir de interlocutor. Assim, ao estabelecer o contato com uma pessoa conhecida da cidade, ela, por sua vez, desempenhou um papel facilitador: contatava antecipadamente com as pessoas que se

enquadravam no perfil estabelecido. Ao chegarmos à comunidade, essa pessoa já nos colocava em contato com prováveis informantes.

Uma atitude básica e elementar que adotamos foi a de sermos atenciosos para com o informante. Nunca desconsideramos que o informante tem uma história de vida e conhecimento de mundo totalmente diferentes do documentador. Assim, durante a entrevista, estivemos atentos a questões que pudessem ser contrárias à ideologia, aos princípios religiosos ou tabus do informante. Se isso viesse a acontecer, reservamos um espaço de tempo no final da entrevista para conversar sobre a questão que esteve em discussão.

Quando o informante era abordado e concordava em conceder a entrevista, tivemos uma conversa informal com ele, para depois falar sobre o objetivo da pesquisa. Não nos referíamos à pesquisa como “estudo de linguagem”. A conversa sempre foi encaminhada no sentido de não “saber como as pessoas falam”, mas “como um estudo sobre os nomes das coisas do lugar, dados sobre a localidade, informações acerca de comidas e bebidas regionais”.

Ao entrevistá-lo, procuramos sempre passar uma imagem de tranquilidade, fazendo com que a impaciência ou a pressa nunca aflorassem. Uma outra atitude relevante foi a de evitar comentários ou brincadeiras que pudessem magoar o entrevistado, além de estar sempre atento à postura do informante como impaciência, cansaço, irritação etc.

É importante lembrar que o inquiridor deve estar bastante familiarizado com o questionário, pois, às vezes, ele deve descrever o objeto, dar detalhes de suas características, enfim, deve conhecer todos os itens que irá questionar.

○ material coletado

Após a realização de cada entrevista, o documentador ainda não pode considerar a entrevista terminada. Após deixarmos a casa do entrevistado, inclusive tendo tirado as fotos, que fazem parte da pesquisa dialetológica, adotávamos o procedimento de ouvir a gravação feita, verificar a boa qualidade do som e conferir

o preenchimento das fichas dos informantes e das localidades. Foi um cuidado que tivemos, haja vista que se por ventura algum problema tivesse ocorrido com a gravação, estando ainda o documentador na localidade do entrevistado, era possível saná-lo. Outro cuidado que tivemos foi com o material coletado e seu armazenamento, tendo em vista que as entrevistas foram feitas em gravador digital. Nesse sentido, cabe lembrar que além das entrevistas serem armazenadas em um computador, foi necessário também que elas fossem gravadas em CD ou DVD, com as devidas identificações.

Agora, de posse do material empírico, estamos na fase de audição e transcrição dos dados, com a finalidade da criação de um banco de dados geolinguísticos e a preparação do material para a edição de um atlas linguístico.

Considerações finais

Com esse pequeno texto, esperamos ter sugerido alguns pontos importantes que um pesquisador deve considerar antes de ir a campo, além de, mais uma vez, reforçar a questão da seriedade e do rigor científico com que se devem realizar as pesquisas linguísticas.

Lembramos aqui que os trabalhos de confecção de atlas linguísticos são considerados, por muitos, uma pesquisa ultrapassada, já que em 1900 Gilliéron já lançava o *Atlas Linguístico da França* – ALF; no entanto, justificamos que se o trabalho de confecção de atlas no Brasil ainda não foi realizado é porque está atrasado, e não dispensado. Pretendemos, desta forma, organizar um material que está fazendo falta em nosso país e, assim, fornecer dados para vários ramos da Linguística.

As considerações aqui feitas são o resultado da participação dos integrantes do projeto em três workshops sobre técnicas de preparação de inquiridores para o *Atlas Linguístico do Brasil*, coordenado pela professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, e discussões feitas pela equipe para melhor condução dos trabalhos. Esse texto foi uma tentativa de apresentar uma síntese de alguns procedimentos metodológicos para a melhor condução de trabalhos de natureza dialetológica e

geolinguística. Evidentemente que as questões aqui abordadas não se esgotam, tendo em vista que numa atividade de pesquisa nada se apresenta pronto e acabado.

Referências Bibliográficas

- CARUSO, Pedro. Metodologia da pesquisa dialetológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 371-389.
- COMITÊ NACIONAL DO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigation in linguistic*. Paris: Mouton, 1977.
- LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTÍN, Eusébia. *Que és la investigación lingüística*. España: Ediciones Colégio de Espana, 1972.
- SAMARIN, Willian. *Field linguistic: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

